 DOI: 10.51161/ii-conbrasp/12681

O ESTIGMA DO TRABALHO COM POPULAÇÕES NEGLIGENCIADAS: PERCEPÇÕES DE ATUAÇÃO DA MEDICINA DE FAMÍLIA E COMUNIDADE

CELY CAROLYNE PONTES MORCERF; JOÃO MAZZONCINI DE AZEVEDO MARQUES

INTRODUÇÃO: O trabalho da medicina de família e comunidade (MFC) compreende o envolvimento constante com minorias e populações marginalizadas. A partir da visão biopsicossocial do ser humano, a população marginalizada além de possuir uma complexidade de saude diferenciada, quando comparada a casos com manejo exclusivamente clínicos é estigmatizada e excluída. Tal exclusão é reforçada na formação médica, enraizada no modelo biomédico fragmentado. Caso complexo é tido como sinônimo de difícil diagnóstico, supervalorizando-se apenas o médico especializado e o manejo de doenças raras. **OBJETIVO:** Debater sobre visão e estigma atrelados à atuação da MFC e importância do olhar crítico sobre a necessidade de fortalecimento da área. **METODOLOGIA:** Revisão narrativa da literatura utilizando os descritores "Family Practice","Family Physician", "Social Stigma" e "Social Marginalization" em base de dados PUBMED, com artigos de 2018 a 2022. Selecionados 7 artigos para o trabalho. **RESULTADOS:** Relações sociais, familiares, comunitárias e psicológicas são muitas vezes desconsideradas como relevantes na medicina, ficando assim à margem da especialidade. Em meio a lutas da Reforma Sanitária, a MFC é fortalecida, trazendo em seu nome as bases da construção de um conceito de saude além da ausência de patologias. Focando na medicina preventiva e social, busca empoderar minorias e negligenciados atuando em equipe com metas de curto, médio e longo prazo para dar o melhor suporte em saude possível, dentro da limitação de recursos de áreas mais vulneráveis. Porém, trabalhar com marginalizados envolve a inserção no meio da marginalização, enquadrando-se assim a MFC como uma área estigmatizada dentro da medicina. **CONCLUSÃO:** MFC, por muitos desconsiderada como especialidade ou reduzida a apenas uma prática generalista, é atuante com populações estigmatizadas, tornando-se parte do processo de estigma. O fortalecimento da MFC como especialidade médica, com formação atuante focal para a cobertura do Sistema Único de Saude transforma-se então em uma militância do profissional médico que a ela escolhe pertencer. O médico que atende e empodera minorias, transforma-se em minoria. Eis uma complexa rede de retroalimentação do estigma, preconceito e falta de reconhecimento de uma das áreas de maior carência de profissionais no Brasil.

Palavras-chave: Estigma, Marginalização, Medicina social, Medicina preventiva, Saude da família.